

Transdisciplinaridade

RENATO P. dos SANTOS*

O Congresso da Arrábida

Como se sabe, o Convento da Arrábida foi escolhido como palco para o que foi chamado a “primeira grande manifestação mundial da Transdisciplinaridade”. Lá ocorreu, de 2 a 6 de Novembro de 1994, o “1º Congresso Mundial sobre a Transdisciplinaridade”, com entusiástico apoio da direcção-geral da UNESCO e de cuja organização participaram o eminente físico Basarab Nicolescu, presidente do CIRET (*Centre International pour la Recherche et Études Transdisciplinaires*), Edgar Morin e Lima de Freitas, presidente do comité português do CIRET.

Este congresso teve intervenções de Michel Cazenave, Olivier Costa de Beaugard, Etienne Klein, Gilbert Durand, Ruth Escobar, Marc-Williams Debono, António Bracinha Vieira, Raquel Gonçalves, Maurice Couquiaud, Phil Hawes, António Castel-Branco, Nicoló Dallaporta, Michel Camus, dentre muitos outros. Na última sessão desse congresso foi discutido um projecto de «Carta da Transdisciplinaridade» da autoria de Edgar Morin, Basarab Nicolescu e Lima de Freitas, cujo texto traduzido vem ao fim deste trabalho.

Já datava de alguns anos a ideia de reunir as pessoas que, na comunidade internacional, se reconhecem numa atitude transdisciplinar e o Congresso da Arrábida de 1994 é herdeiro de tentativas anteriores de aproximação trans-disciplinar, tais como o Congresso de Veneza de 1986 “La Science devant le confins de la Science”, o Congresso de Córdoba de 1979 “Science et Conscience” e o Congresso de Paris de 1991 “Science et Tradition”. Como resultado delas, foi fundado em Abril de 1992 o “Grupo de Reflexões sobre a Transdisciplinaridade junto à UNESCO”, tendo como coordenador e fundador Basarab Nicolescu e composto por catorze membros, o qual elegeu Portugal, sede em 1994 da capital europeia da cultura e, mais especificamente, o Convento da Arrábida para abrigar esse congresso.

Na sequência, ocorreram as primeiras “Jornadas de Transdisciplinaridade e Antropologia” de 21 e 22 de Setembro deste ano nas instalações da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo como um dos objectivos principais divulgar mais amplamente os resultados do congresso da Arrábida, junto à comunidade portuguesa.

O segundo objectivo foi preparar um novo congresso ou colóquio, desta feita a nível nacional, para o próximo ano. Para tanto, foi proposta uma comissão organizadora, a qual inclui membros do CIRET, da Faculdade de Ciências de Lisboa, do ISPA, da Universidade de Évora, do Grupo Interdisciplinar da Universidade de Lisboa e do Instituto Piaget¹.

Transdisciplinaridade

¹ Note-se, de passagem, que a preocupação do Instituto Piaget com a Transdisciplinaridade é demonstrada pela existência de seu C.I.E.R.T. - Centro Internacional de Epistemologia e Reflexão Transdisciplinar - o qual já conta com mais de dez anos.

Mas o que afinal se pretende significar por Transdisciplinaridade? A resposta não é fácil e não há ainda um consenso sobre ela. Mais fácil é dizer-se o que ela *não* é. Tem-se como aceite (vide a «Carta da Transdisciplinaridade» abaixo, artigo 7º) que “a Transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências”. Também não se constitui num cientismo neopositivista, nem numa ideologia, nem numa nova linguagem e não deve ser um mero hibridismo, uma importação de metáforas.

Um mesmo objecto de estudo pode frequentemente ser apreciado de múltiplos pontos de vista. Assim, uma obra de arte, uma pintura, *e.g.*, pode ser estudada não apenas do ponto de vista da Arte, mas também da História, da Sociologia, da Psicologia e da Religião, para se compreender as condições e motivações sob as quais foi feita; do ponto de vista da Física e da Química, para se compreender as técnicas e materiais utilizados, etc. Esta atitude é denominada Multidisciplinaridade. Para Nicolescu, “é uma justaposição de conhecimentos”, “é o estudo do ponto de vista de múltiplas disciplinas.”¹

Por vezes, sente-se a conveniência e proficuidade de importar-se um método de uma disciplina para outra, surgindo uma *interdisciplina*. Um exemplo moderno e paradigmático é a Ciência do Caos: começou-se com o estudo da turbulência na evolução das nuvens e desenvolveram-se métodos que vêm sendo aplicados nas disciplinas mais díspares: Engenharia, Biologia, Medicina, Psicanálise, Economia, Política, etc. Costuma-se denominar essa atitude Interdisciplinaridade. “Diz respeito sempre ao objecto de estudo de disciplinas do ponto de vista do método. [...] Quando se faz a transferência de método de uma disciplina para a outra, fica-se no espaço da interdisciplina.”²

Mas, em outras ocasiões, é necessário cometer o «sacrilégio» de cruzar as fronteiras de sua própria disciplina e estabelecer uma ponte que permita estudar fenómenos que situam-se *fora e além* do âmbito das disciplinas existentes. Este é o campo da Transdisciplinaridade. Explica-nos, ainda, Nicolescu³: “Todo o conhecimento ocidental assenta sobre a eficácia da especialização, o que é para mim uma ideia justa.” Mas, “a Transdisciplinaridade não é uma nova disciplina”, e “não diz respeito nem ao método (nem portanto à transferência do método), nem à justaposição de conhecimentos que fazem parte de uma disciplina já existente.” É antes “uma atitude rigorosa em relação a tudo o que se encontra no espaço que não pertence a nenhuma disciplina”⁴. Dito de outra forma, “a Transdisciplinaridade é complementar da aproximação disciplinar; ela faz emergir da confrontação das disciplinas novos dados que as articulam entre si e que nos dão uma nova visão da natureza e da realidade” («Carta da Transdisciplinaridade», artigo 7º).

É importante frisar, porém, que esse diálogo entre disciplinas não se restringe às chamadas ciências «duras»: “A visão transdisciplinar é deliberadamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exactas pelo seu diálogo e a sua reconciliação não somente com as ciências humanas mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior” («Carta da Transdisciplinaridade», artigo 5º). E “a ética transdisciplinar recusa toda a atitude que rejeita o diálogo e a discussão, de qualquer origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, económica, política, filosófica. O saber partilhado deve conduzir a uma compreensão partilhada, fundada sobre o *respeito* absoluto das alteridades unidas por uma vida comum numa única e mesma Terra” («Carta da Transdisciplinaridade», artigo 13º).

Em contrapartida, ao contrário de outras atitudes contemporâneas, a Transdisciplinaridade decididamente não pretende ser um mero movimento *new-age*,

nem um supermercado de esoterismos, nem um caldeirão (*melting pot*) onde se «cozinham» distintos campos de conhecimento e culturas numa «papa» sincrética que as faz “perder a sua substância e aquilo que legitima a sua verdade”⁵.

Uma educação transdisciplinar?

Como seria possível adoptar-se e manter-se tal atitude transdisciplinar? No preâmbulo da citada Carta, considera-se que “só uma inteligência que dê conta da dimensão planetária dos conflitos actuais poderá fazer face à complexidade do nosso mundo e ao desafio contemporâneo de autodestruição material e espiritual da nossa espécie”.

E como se adquirir tal inteligência planetária? Talvez uma «educação transdisciplinar» que considerasse o Homem como um Ser Integral: “Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstracção no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar revaloriza o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos” («Carta da Transdisciplinaridade», artigo 11º). Em clara oposição à “rotura contemporânea entre um saber cada vez mais cumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido [que] conduz à escalada dum novo obscurantismo, cujas consequências no plano individual e social são incalculáveis” («Carta da Transdisciplinaridade», Preâmbulo).

Desta forma, a questão da Transdisciplinaridade toca de perto o interesse dos educadores. E se a Pedagogia assume-se interdisciplinar ou multidisciplinar, é preciso o perigoso e difícil salto para o «trans», para fora de si mesma.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE

Preâmbulo

Considerando que a proliferação actual das disciplinas académicas e não-académicas conduz a um crescimento exponencial do saber, o que torna impossível uma visão global pelo ser humano,

Considerando que só uma inteligência que dê conta da dimensão planetária dos conflitos actuais poderá fazer face à complexidade do nosso mundo e ao desafio contemporâneo de

autodestruição material e espiritual da nossa espécie,

Considerando que a vida está fortemente ameaçada por uma tecnociência triunfante, que só obedece à lógica assustadora da eficácia pela eficácia,

Considerando que a rotura contemporânea entre um saber cada vez mais cumulativo e um ser interior cada vez mais empobrecido conduz à escalada dum novo obscurantismo, cujas consequências no plano individual e social são incalculáveis,

Considerando que o crescimento dos saberes, sem precedente na história, acentua a desigualdade entre os que os possuem e os que deles estão privados, gerando assim desigualdades crescentes

no interior dos povos e entre as nações do nosso planeta,

Considerando simultaneamente que todos os desafios enunciados têm a sua contrapartida de esperança e que o crescimento extraordinário do saber pode conduzir, a longo prazo, a uma mutação comparável à passagem dos homídeos à espécie humana,

Considerando o que precede, os participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade (Convento da Arrábida, Portugal, 2-6 de Novembro de 1994) adoptam a presente *Carta* compreendida como um conjunto de princípios fundamentais da comunidade dos espíritos transdisciplinares, constituindo um contrato moral que todo o signatário desta *Carta* faz consigo próprio, livre de qualquer constrangimento jurídico e institucional.

Artigo 1: Qualquer tentativa de reduzir o ser humano a uma definição e de o dispersar em estruturas formais, sejam elas quais forem, é incompatível com a visão transdisciplinar.

Artigo 2: O reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade, regidos por diferentes lógicas, é inerente à atitude transdisciplinar. Qualquer tentativa de reduzir a realidade a um único nível regido por uma única lógica não se situa no campo da Transdisciplinaridade.

Artigo 3: A Transdisciplinaridade é complementar da aproximação disciplinar; ela faz emergir da confrontação das disciplinas novos dados que as articulam entre si e que nos dão uma nova visão da natureza e da realidade. A

Transdisciplinaridade não procura a dominação de várias disciplinas mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 4: O elemento essencial da Transdisciplinaridade reside na unificação semântica e operativa das acepções *através* e *para além* das disciplinas. Ela pressupõe uma racionalidade aberta, por um novo olhar sobre a relatividade das noções de «definição» e de «objectividade». O formalismo excessivo, a rigidez das definições e a absolutização da objectividade comportando a exclusão do sujeito conduzem à deterioração.

Artigo 5: A visão transdisciplinar é deliberadamente aberta na medida em que ela ultrapassa o domínio das ciências exactas pelo seu diálogo e a sua reconciliação não somente com as ciências humanas mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior.

Artigo 6: Em relação à interdisciplinaridade e à multidisciplinaridade, a Transdisciplinaridade é multireferencial e multidimensional. Tendo em conta a concepção do tempo e da história, a Transdisciplinaridade não exclui a existência dum horizonte transhistórico.

Artigo 7: A Transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.

Artigo 8: A dignidade do ser humano é também de ordem cósmica e

planetária. O aparecimento do ser humano na Terra é uma das etapas da história do Universo. O reconhecimento da Terra como pátria é um dos imperativos da Transdisciplinaridade. Qualquer ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas, sob o título de habitante da Terra, ele é simultaneamente um ser transnacional. O reconhecimento pelo direito internacional desta dupla pertença - a uma nação e à Terra - constitui um dos aspectos da investigação transdisciplinar.

Artigo 9: A Transdisciplinaridade conduz a uma atitude aberta em relação aos mitos e às religiões, por aqueles que os respeitam num espírito transdisciplinar.

Artigo 10: Não há um local cultural privilegiado donde seja possível julgar as outras culturas. A atitude transdisciplinar é ela própria transcultural.

Artigo 11: Uma educação autêntica não pode privilegiar a abstracção no conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar revaloriza o papel da intuição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão dos conhecimentos.

Artigo 12: A elaboração duma economia transdisciplinar fundamenta-se no postulado de que a economia deve estar ao serviço do ser humano e não o inverso.

Artigo 13: A ética transdisciplinar recusa toda a atitude que rejeita o diálogo e a discussão, de qualquer origem - de ordem ideológica, científica, religiosa, económica,

política, filosófica. O saber partilhado deve conduzir a uma compreensão partilhada, fundada sobre o *respeito* absoluto das alteridades unidas por uma vida comum numa única e mesma Terra.

Artigo 14: *Rigor, abertura e tolerância* são as características fundamentais da atitude e da visão transdisciplinares. O *rigor* na argumentação que entra em conta com todos os dados é o guardião relativamente aos possíveis desvios. A *abertura* comporta a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A *tolerância* é o reconhecimento do direito às ideias, comportamentos e verdades contrárias às nossas.

Artigo final: A presente *Carta da Transdisciplinaridade* é adoptada pelos participantes do Primeiro Congresso Mundial de Transdisciplinaridade, sem apelo a qualquer outra autoridade que não seja a da sua própria actividade.

Segundo os procedimentos que serão definidos de acordo com os espíritos transdisciplinares de todos os países, a *Carta* está aberta à assinatura de qualquer ser humano interessado pelas medidas progressivas de ordem nacional, internacional e transnacional pela aplicação destes artigos na vida.

(traduzida do Francês por)

(Convento da Arrábida,
6 de Novembro de 1994)

* Professor Efectivo da E.S.E. "Jean Piaget"/Almada

BIBLIOGRAFIA

- ¹ NICOLESCU, Basarab, *A Visão do que há Entre e Além*, entrevista a Antónia de Sousa in *Diário de Notícias*, Caderno Cultura, Lisboa, 3 de Fevereiro de 1994, pp. 2-3.
- ² *idem, ibidem.*
- ³ *idem, ibidem.*
- ⁴ *idem, ibidem.*
- ⁵ ATLAN, Henri, *Com Razão ou Sem Ela*, Piaget, Lisboa, 1994, p. 12.